

* FRASE DE SUELI CARNEIRO
sobre pertencimento - desejo de
inclusão de com. negra

Por amor à pátria

As fronteiras e conceito de patriotismo costumam ser utilizados em alguns poucos momentos para causas justas e em muitas ocasiões para alimentar excessos de governos e governante

Por Marco Frenette

O patriotismo é definido correntemente como uma mistura de sentimento de afeto e compromisso moral com relação ao território nativo, sempre aliado à disposição de defendê-lo de ataques externos. Essa fácil definição, porém, esconde um tema altamente complexo em seus desdobramentos sociais e políticos. Conceito com mil e uma utilidades, o patriotismo tem servido ao longo da história tanto para incentivar causas justas quanto para justificar práticas totalitárias e guerras.

Atualmente, o sentimento patriótico pode ser evocado, por exemplo, pela Força Área Brasileira na discussão da concorrência milionária para a renovação da sua frota de caças ou nos discursos para justificar a ofensiva americana sobre o Afeganistão. E, pouco tempo atrás, também foi em nome da Pátria que a ditadura brasileira justificou suas perseguições e convidou os descontentes e torturados a se retirarem sob o slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o". Mas, o patriotismo também deu força para coisas um pouco melhores, como a campanha "O Petróleo é Nosso" que, encabeçada por Monteiro Lobato na década de 50, mobilizou sindicatos, partidos políticos e movimento estudantil na defesa do "ouro negro", culminando na criação da Petrobras.

A historiadora Iara Lis Carvalho Souza, da Unicamp, autora do livro *Pátria Coroada - o Brasil como Corpo Político Autônomo* (Editora Unesp), lembra que esse sentimento é recente no Brasil, pois data de 1822, quando foi proclamada a Independência de Portugal. "Antes era um sentimento difuso de apego à terra que variava de região para região e que tinha mais a ver com um sentimento luso-brasileiro, não se constituindo propriamente num sentimento nacional." Lis explica que no decorrer de 1822-1823 apareceu e disseminou-se a prática de conclamar o povo brasileiro por meio de proclamações, as quais incentivavam a participar do destino do recém-criado país. "Reproduzidas em muitos jornais da época ou enviadas pelas câmaras ou mesmo pelo governo sediado no Rio de Janeiro, essas proclamações tinham um tom cívico e pautavam-se pela exaltação, buscando seduzir e emocionar o leitor, para convencê-lo da "felicidade geral" que viria da fundação do Brasil.

Lis acrescenta, ainda, que foi a época em que também se criou, pela primeira vez, todo um universo simbólico próprio ao Brasil, com “bandeira nacional, proclamações, imagens e celebrações públicas oficiais”, construindo, assim, uma idéia e uma imagem de nação brasileira. “Foi a época em que Independência ou Morte transformou-se num lema capaz de despertar em cada brasileiro a virtude cívica que o ligava à terra natal. Mas entenda-se”, diz ela, “que esse mesmo Estado forte que assegurava a união territorial norteava-se pela monarquia, banindo o advento da República”.

No entanto, se o patriotismo verde-amarelo nasceu com a monarquia, certamente não morreu com ela. Em 19 de novembro de 1889, quatro dias após a proclamação da República e a fugaz existência de uma bandeira com listras verdes e amarelas que imitava a norte-americana, foi instituída a atual bandeira brasileira. No decreto de sua criação, redigido pelo pintor Décio Vilares, também autor do desenho, lia-se que as cores escolhidas “recordam as lutas e as vitórias gloriosas do exército e da armada na defesa da Pátria”, significando também a “perpetuidade e integridade da Pátria entre as outras nações”.

Já a conhecida legenda “Ordem e Progresso” – resumo do lema “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, do filósofo francês Auguste Comte – foi criada pelo professor Teixeira Mendes, que afirmava ser o objetivo do lema mostrar que a revolução “não aboliu simplesmente a monarquia”, mas que ela aspirava “fundar uma Pátria de verdadeiros irmãos, dando à Ordem e ao Progresso todas as garantias que a história nos demonstra serem necessários a sua permanente harmonia”.

Vê-se, nesse breve passeio histórico, a grande importância que já teve entre nós o sentimento patriótico para a manutenção da unidade nacional e do crescimento do país. Porém, os tempos mudam, e Iara Lis comenta que o patriotismo é um sentimento que varia de época para época: “Se antes cumpria papel muito claro, hoje há um esvaziamento desse sentimento, sobretudo por conta de vários processos globalizantes, o que conduz a um apagamento cada vez maior das fronteiras”.

De fato, há claras mudanças na maneira de entender esse sentimento. Exemplo disso é a opinião do escritor e jornalista Georges Bourdoukan, para quem a idéia de pátria é algo obsoleto e pernicioso: “Pátria tem a ver com fronteiras, e quem fala em fronteiras tem espírito bélico. É por isso que o patriotismo serve

tão bem à guerra, e é por isso que sou contra noções de pátria e fronteiras, e completamente a favor de um mundo globalizado”, diz Bourdoukan, ressaltando que a globalização a que se refere difere da que defende apenas os interesses de uma minoria do planeta. “Há que se lutar por um mundo sem fronteiras em que seja possível um tipo de globalização que atenda a todos, e não que mantenha mais de 3 bilhões de seres humanos no planeta vivendo com 1 dólar por dia.”

Segundo Bourdoukan, existe um equívoco entre a função do patriotismo em nações desenvolvidas e aquelas em desenvolvimento ou francamente atrasadas. “Quando os EUA, por exemplo, defendem seu estilo de vida e seus interesses estão falando, espertamente, de um patriotismo sem fronteiras que lhes é muito conveniente. Já os povos pobres que compram a idéia de nacionalismo não percebem que estão falando de patriotismo em uma pátria que os abandonou, e que suas fronteiras são imensos currais a mantê-los presos em eterna exclusão”, diz ele, lembrando, ainda, que o maior patriota e nacionalista exacerbado de nossa história foi ninguém menos que Adolf Hitler. “Portanto, se não houvesse conceitos como pátria e fronteiras, o homem não viveria nessa eterna guerra consigo mesmo.”

Um dos problemas maiores do conceito de patriotismo parece ser o fato de ele sempre conter a premissa da exclusão. Mas, se esse sentimento é tão prejudicial, por que sua disseminação e permanência por todo o planeta? A psicanalista Malu Homem explica que na base desse sentimento está a tendência biológica de todo animal demarcar seu território e defendê-lo, e que isso associa-se à profunda necessidade psicológica do ser humano de ter referências externas de poder. “O homem tem necessidade de se sentir parte de um grupo, de ter onde desenvolver seus sonhos de grandeza, e o patriotismo pode ser uma das formas de aplacar o sentimento de pequenez que lhe persegue.”

Malu Homem exemplifica citando um estudo de Freud, em que compara as hierarquias da igreja com as do exército. “Notem como a lógica do poder e da submissão a algo externo e superior estão presentes em ambas as instituições. Em um sistema temos os fiéis, os padres, os bispos e a figura máxima do Papa, representante de Deus. No outro temos os soldados, os cabos e a figura do general, representante da Pátria. Enquanto um luta em nome de Deus, o outro luta em nome da Pátria. É a eterna ânsia de proteção exterior do ser humano sendo satisfeita, num caso, pelo Deus-Pai, e no outro, pela Pátria-Pai. Cada um, a seu modo, dando significado e importância para a vida do homem

comum”. Malu faz outra associação para explicar sua visão do problema. “Neste recente conflito entre Estados Unidos e Afeganistão podemos ver comportamentos fundamentalistas de ambos os lados. E quais são esses fundamentos? Para um é a Pátria e, para outro, Alá; duas representações distintas, mas com a mesma função: enxergar no outro o inimigo que deve ser destruído.”

É justamente nesse ponto que a historiadora Iara Lis também vê o grande problema. “Muitas vezes o patriotismo é um forte agente mobilizador de ressentimentos de uma população. É uma hostilidade que fica ruminando, e quando vem à tona pode surgir com muita força e com conseqüências desastrosas. Malu, entretanto, não vê problemas intrínsecos ao sentimento patriótico, desde que não tenha demasiada importância. “Quando esse sentimento resume-se a um amor pelo lugar de origem, sem conotações de confronto, pode ser aceitável. Se por um lado é comum no mundo animal a defesa de território, devemos nos perguntar, afinal, que tipo de animal queremos ser. Nós temos a linguagem, uma cultura simbólica que permite dar um passo à frente em nossa evolução, realmente compreendendo os outros.” Ela também observa que parte do mundo está percebendo a obsolescência do conceito de fronteira sobre a qual a idéia de pátria se assenta. “Veja a Europa. Saiu da Idade Média para construir seus Estados nacionais, os quais desembocaram em duas grandes guerras e, agora, estão abolindo suas fronteiras e unificando a moeda, para melhor fazer frente à hegemonia americana.”

Se o patriotismo está deixando de fazer sentido em lugares onde a globalização realmente acontece, no Brasil ainda há questões subterrâneas ligadas ao tema. Sueli Carneiro, pesquisadora do CNPq e uma das diretoras do Geledés – Instituto da Mulher Negra – explica que um componente importante da ideologia da massa negra brasileira é seu desejo de inclusão num contexto nacional do qual é historicamente excluída. “Esse desejo de ‘pertencimento’ à nação brasileira levou o movimento negro brasileiro mais de uma vez a engajar-se em lutas de cunho patriótico”, diz Sueli, lembrando da participação negra na Guerra do Paraguai e no envolvimento de parte da Frente Negra Brasileira, na década de 30, com os nacionalistas da Ação Integralista Brasileira, fundada por Plínio Salgado e Gustavo Barroso. “No primeiro caso era uma possibilidade de negociar a liberdade, mas também de sentirem-se soldados da Pátria. No segundo, ao se envolverem com o integralismo, estavam exercitando esse sentimento patriótico”, explica.

* Sueli Carneiro diz também que o sentimento latente de desejo de inclusão presente na comunidade negra tem a ver com o fato de os negros não terem – ao contrário dos imigrantes italianos, por exemplo – uma terra a qual se referenciam. “O desejo profundo de ser integrado tem a ver com esse desenraizamento. E há uma contradição dolorosa entre o desejo de “pertencimento” – em que o patriotismo é uma forma de luta – e o fato de vivermos num país que exclui o negro.”

Se para os negros esse sentimento é cercado de contradições, para os nossos índios o conceito de patriotismo é algo estranho a sua visão de mundo. “A despeito da grande heterogeneidade das diversas nações e grupos indígenas, podemos afirmar que para todos eles o conceito é completamente estranho. Eles não têm essa visão de Estado-nação, não se organizam a partir desses parâmetros”, explica o indigenista André Villas Boas, do Instituto Sócio Ambiental. “O índio pode até entender um pouco esse conceito em casos extremos e mais óbvios como o de ataque externo, mas se se falar em nível interno, de como esse sentimento se justifica, tudo fica muito confuso, pois falta-lhe a compreensão dos diversos atores sociais e políticos que envolvem o conceito de Estado, sem o qual não haveria a noção de patriotismo”, explica Villas Boas, acrescentando que isso não torna o índio um “impatriótico”, pois “estamos falando de sociedades com visões diferentes de mundo. Esse não é um conceito intrínseco a eles e, portanto, seu entendimento dependerá do nível de contato que cada grupo indígena tem com nossa civilização”. Melhor seria, então, que fôssemos nós, os civilizados, que perdêssemos a noção de fronteira e pátria ao entrar em contato com os índios. Tudo leva a crer que todos sairiam ganhando.

